

CEDI

Povos Indígenas

Estado de Minas  
27/01/84



O drama Maxacali continua entre a miséria, a fome e as novas ameaças dos fazendeiros em Minas

## Indigenistas denunciam tensão entre maxacalis

"O assassinato de seis índios maxacalis por fazendeiros ou a mando destes no Vale do Mucuri, ano passado, não foram suficientes ainda para sensibilizar a alta direção da Funai em Brasília, e muito menos as autoridades mineiras, a exemplo do então governador Francelino Pereira, que prometera uma solução para o problema" — foi o que denunciaram ontem, em Belo Horizonte, os indigenistas mineiros que fazem, agora, um novo apelo a Funai e o primeiro ao governador Tancredo Neves e a todo o seu secretariado.

Segundo os indigenistas, o clima voltou a ficar tenso na região esta semana, face ao espancamento de mais um maxacali, desta vez por três funcionários da própria Funai, sediados na aldeia de Água Boa. O fato aconteceu no dia 15 de janeiro e somente ontem pôde ser apurado e revelado publicamente pelo Grupo de Estudos da Questão Indígena (Grequi) e pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). A vítima, segundo Yeda Campos, vice-presidente do Grequi, foi o índio Valduro, que estava bêbado na localidade de Santa Helena. "Os funcionários também bateram muito em dois membros da comunidade local, Aristeu e Arlindo, que tentaram separar a briga e defenderem o índio, que não tinha sequer condições de reagir a violência", disse ela.

O mais grave neste incidente, segundo a indigenista, é que Aristeu teve a água da cisterna de sua casa envenenada alguns dias depois, o que tem sido um procedimento comum na região a quem toma o partido dos índios. Ela se referiu também a recente tentativa contra a agente do Cimi em Teófilo Otoni, Geralda Soares: seu carro foi incendiado criminosamente, por ela ter tentado defender publicamente a causa maxacali na cidade.

Para o jesuíta Giovanni Salomão, membro do Conselho Indigenista Missionário, já somam seis os índios Maxacalis assassinados na região, sem que o governo encontre uma solução. Todos eles assassinados a mando dos fazendeiros que circundam as aldeias dos maxacalis de Pradinho e Água Boa e tentam

expulsá-los dali de toda forma. Ele se referiu especialmente ao assassinato do índio Alcides, ocorrido em 10 de junho de 1983, cujo inquérito está engavetado até hoje pela Delegacia Regional de Teófilo Otoni:

"É isto — afirmou — que vem gerando um clima de desespero entre as famílias indígenas, cada dia mais frágeis diante da fome e do abandono institucional da Funai, se já não bastasse o álcool, a eles passado de maneira criminosa, estarem arrasando-os sistematicamente".

Disse, ainda, Giovanni Salomão que "não apenas os índios como toda a população da região sabem que o índio Alcides foi assassinado pelo vaqueiro José Rolim, a mando do fazendeiro Laurindo Pereira Sena, cujas terras são limítrofes com as aldeias dos Maxacalis. Este vaqueiro que, inclusive, confessou a autoria e a encomenda do crime, ganhou Cr\$400.000,00 do fazendeiro com os quais comprou uma fazenda, a 15 quilômetros das reservas indígenas. Ele continua solto e ameaçando abertamente os índios, o que, obviamente, estes não conseguem aceitar. É isto que vem gerando o clima cada vez mais tenso na região".

Para ele, "com base na reivindicação dos próprios índios, a Funai e o Governo do Estado teriam de promover uma nova e urgente demarcação das terras, para conter a "ânsia desmedida dos fazendeiros, que têm verdadeiro ódio dos antigos e hoje completamente aniquilados proprietários da região".

"Os fazendeiros — disse também o padre Jesuíta, representante do Cimi em Minas — continuam fornecendo cachaça para os índios — de forma a incriminá-los depois perante a comunidade como "bêbados e vagabundos" — quando não vão apossando, pouco a pouco, de suas terras. Em 1983 — lembrou Giovanni, que diz ter na "pessoa íntegra do governador Tancredo Neves a última esperança para os Maxacalis" — a proposta política do PDS feita aos fazendeiros da região foi a retirada incondicional dos índios de suas reservas".